

## **Revista Ciência Hoje das Crianças: jornalismo construindo sentidos de ciência para os pequenos leitores <sup>1</sup>**

Doraci Masiero JACOBUS<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

### **RESUMO:**

O artigo analisa a revista Ciência Hoje Das Crianças, que completa 30 anos de publicação em 2016, buscando investigar as estratégias utilizadas pelo periódico para falar de ciência com seus leitores. Parte-se do pressuposto de que o jornalismo, inclusive o infantil, contribui para a formação da concepção que os indivíduos têm do mundo e que as escolhas realizadas pelos produtores para apresentar o texto e as imagens favorecem ou dificultam a compreensão dos sentidos propostos para ciência na revista. Realizamos revisão bibliográfica de autores da Teoria da Comunicação, com ênfase no Jornalismo, e análise de exemplares a partir de um corpus de seis edições (julho a dezembro de 2015). Foi possível identificar o empenho da publicação em comunicar ciência de forma acessível, amigável e lúdica, mostrando à criança que a ciência faz parte de seu dia a dia.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo infantil, construção de sentidos, ciência, Ciência Hoje das Crianças.

### **1 Introdução**

A revista Ciência Hoje das Crianças, que a partir de agora identificaremos apenas como CHC, é uma publicação mensal do Instituto Ciência Hoje (ICH).<sup>3</sup> A CHC é um periódico de divulgação científica para crianças, voltada ao público de 5 a 12 anos. Neste estudo, através da observação das seções, dos temas pautados, da construção de títulos e textos e das ilustrações, buscamos identificar as estratégias que a revista utiliza para apresentar a ciência às crianças e se a mensagem produzida atinge seu público de forma acessível e adequada à idade e compreensão desse público. Como a revista manteve, ao longo do ano de 2015, a mesma estrutura editorial, selecionamos um conjunto de seis edições (julho a dezembro de 2015), julgando ser este corpus ilustrativo do projeto editorial.

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: dmjacobus@uol.com.br

<sup>3</sup> O Instituto Ciência Hoje (ICH) é uma organização sem fins lucrativos, vinculado à Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e também publica as seguintes revistas de divulgação científica: revista Ciência Hoje, CH Online e CHC Online (Internet), além dos volumes temáticos Ciência Hoje na Escola.

Esse sucinto estudo contempla apenas alguns desses aspectos, a partir de uma visão geral de autores da Teoria da Comunicação, com ênfase no Jornalismo. O tema merece uma análise mais completa em outros trabalhos complementares.

Nosso ponto de partida foi analisar a missão da CHC, declarada no site<sup>4</sup> do Programa Ciência Hoje de Apoio à Educação (PCHAE), também mantido pelo ICH:

Despertar a curiosidade das crianças e fomentar a paixão pela descoberta: esta é a missão da Ciência Hoje das Crianças (CHC), criada em 1986 e atualmente distribuída para mais de 60 mil escolas públicas do Brasil. Única em sua área de atuação, a revista, além de informar e divertir, serve como fonte de pesquisas para milhares de estudantes e professores nas mais diferentes regiões do país.

O ICH afirma também sua convicção na importância do papel do conhecimento científico para a formação das novas gerações afirmando que

a alfabetização científica é componente importante na formação cidadã das crianças e na construção da leitura crítica do mundo, autonomia e da capacidade de buscar soluções. Trazendo a ciência para o cotidiano, os alunos compreendem o que os livros didáticos não conseguem ensinar sozinhos, pois o aprendizado pela vivência e experimentação é fundamental.<sup>5</sup>

Graças a sua longevidade e a vinculação à Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), entidade reconhecida nacionalmente, a revista CHC conquistou credibilidade, que a investe de autoridade para transmitir informações científicas para a sociedade. A seleção de pautas evidencia a preocupação em disponibilizar ao público subsídios que possam fomentar a análise, acompanhamento, crítica e ação em questões sociais e ambientais e na discussão de um modelo de vida sustentável. A revista não possui anunciantes, o que pressupõe grande independência editorial na seleção de assuntos.

Formar leitores para o futuro interessa a muitos setores: educadores, jornalistas, mercado editorial e empresas de comunicação. O conhecimento sobre o segmento de leitores infantis, no entanto, ainda é limitado, e as pesquisas acadêmicas têm muito a contribuir. As atividades de divulgação científica expandem-se, na esteira dos avanços científicos e tecnológicos aplicados às mais diversas áreas do cotidiano. Entender como o jornalismo voltado ao público infantil aborda os temas relacionados à ciência pode oferecer mais subsídios para que cientistas, jornalistas e empresas de comunicação aprimorem sua

---

<sup>4</sup> <http://pchae.cienciahoje.org.br/revista-ciencia-hoje-das-criancas/>, consultado em 08/04/16

<sup>5</sup> Idem nota 4.

linguagem e estratégias de comunicação e alinhem suas publicações a um formato mais abrangente e atrativo para esse público.

## **2 O jornalismo, a ciência e as crianças**

O aprendizado e a formação, nas mais diversas áreas e não apenas quando o assunto é ciência, não acontecem apenas no contexto escolar. O papel do jornalismo na transmissão de conhecimentos e na formação da concepção de mundo que as pessoas possuem é apontado por Kovak e Rosenstiel, que defendem que a “principal finalidade do jornalismo é fornecer aos cidadãos a informação de que precisam para serem livres e se autogovernarem” (2001, p. 16), por Park, quando afirma que a “função da notícia é orientar o homem e a sociedade no mundo real” (2008, p. 51), e por Girardi et al para quem “pela grande difusão da comunicação no mundo de hoje, as matérias jornalísticas constituem-se muitas vezes na única fonte de informação para um grande número de pessoas, o que aumenta a responsabilidade de quem as produz” (2006, p. 1).

“Não há exercício de cidadania sem informação: o cumprimento dos deveres e a reivindicação dos direitos civis, políticos e sociais pressupõem o seu conhecimento e reconhecimento” (TARGINO, 2000, p. 5). Se as notícias divulgadas pela mídia funcionam como elementos na construção de cidadania e das visões do mundo, “o jornalismo encarrega-se de dar acesso, ao cidadão comum, ao ‘mundo dos fatos’, dando-lhe conhecimento de acontecimentos aos quais ele não tem acesso imediato” (VIZEU, 2007, p. 223) e o jornalista atua para “dar sentido aos acontecimentos e, com isso, construir socialmente a realidade” (BACCIN, 2011, p. 1).

O jornalismo não funciona apenas como um mediador para o indivíduo. Ele se constitui também em um discurso entre sujeitos, elaborado pela escolha de determinadas estratégias de construção de sentidos, em detrimento de outras. “Não é possível enunciar sem construir, pela linguagem, uma arquitetura complexa que articule a percepção da realidade, a interpretação do que se percebe e se quer enunciar e a escolha de estratégias que permitam propor significados.” (BENETTI, 2008, p. 18).

Conquistar a atenção e a fidelidade do leitor infantil, cuja atenção é disputada por múltiplas alternativas de informação e diversão, se mostra uma missão desafiadora. Especialmente se concebemos a criança conforme a ótica de Doretto (2013, p. 57), que a percebe como “criança-sujeito ativa no mundo, que, apesar de ainda estar formando sua

personalidade e conquistando degraus de cidadania, já faz parte da sociedade, compreendendo e sobretudo sentindo os problemas, as alegrias, as frustrações em sua volta”. Essa visão se aproxima, em termos de cidadania e autonomia, do indivíduo que a CHC deseja formar.

O jornalista que escreve para a criança é um adulto que almeja criar um vínculo, comunicar-se com ela. É um emissor localizado fora do grupo de receptores, em outro contexto e ambiente, como nos aponta Furtado:

Quando um jornalista se especializa em uma área para falar com um público específico, ele pode fazer parte daquele grupo (por exemplo, uma mulher que escreve para uma revista feminina) ou tentar compreendê-lo de fora para se comunicar com ele. Escrever para crianças, no entanto, é uma tarefa difícil para um adulto, pois qualquer um que o fizer não fará parte do grupo para o qual está escrevendo, mas necessariamente já o fez um dia. (FURTADO, 2009, p. 4).

Além dessa distância a transpor, quando falamos de divulgação da ciência, outros desafios se apresentam. Temas científicos possuem particularidades, terminologia e detalhes frequentemente desconhecidos até mesmo por jornalistas, profissionais adultos que não integram o grupo de cientistas.

Dirigir-se a crianças ou a adultos implica estratégias comunicativas diferentes. Para sensibilizar crianças, por exemplo, precisamos, muitas vezes, pensar formas mais criativas de organizar nosso texto (quem sabe optar por uma narrativa ou utilizar personagens animais) a fim de sermos aceitos e compreendidos. (GIERING, 2013, p. 7).

Resende (2009) compara o texto a uma trama e entende as narrativas como um lugar onde é possível que se estabeleça um diálogo, um encontro entre emissor e receptor, onde se produza conhecimento a partir de “brechas” que o jornalista introduz no texto para serem preenchidas pelo leitor: “Talvez esteja na tessitura da narrativa a chance de nos havermos com as brechas que promovem os encontros” (idem, p. 32). Assim, um texto voltado para crianças requer a habilidade de tramar uma narrativa permeável, que permita ao leitor introduzir seus conhecimentos familiares anteriores e construir sua própria compreensão do conteúdo proposto.

Para Peirce (1977), vivemos em um mundo impregnado de signos, estes entendidos como qualquer coisa que represente outra, que está no lugar dessa outra coisa, que não a substitui, mas a representa, faz sentir sua presença. O autor compara nossa autoconsciência a um barco em um lago sem fundo, onde estão imersos os conhecimentos, conceitos e experiências já vividos. Em outras palavras, todos os signos com os quais já tivemos contato na vida. Cada novo conhecimento ou aprendizado só ganha sentido, um novo

significado, quando combinado aos signos dos quais já nos apropriamos, ou, em outras palavras, com os conhecimentos que já estão incorporados ao lago de nossa consciência. Assim, comunicar ciência às crianças requer a habilidade de conectar as novas informações com elementos presentes em seu lago profundo, que já lhe sejam familiares, seja na forma ou no conteúdo.

### 3 A revista CHC

A CHC é uma revista de periodicidade mensal, publicada em onze edições anuais, (em janeiro e fevereiro é produzida uma edição única). Chega aos leitores somente através de assinatura, pois, atualmente, não é comercializada em bancas.

A publicação possui 28 páginas internas, mais capa e contracapa, impressas na frente e no verso. A impressão é totalmente colorida, com tintas opacas. A estrutura é basicamente a mesma em todas as edições, apresentando uma ou duas matérias principais, com chamadas na capa, e que ocupam, em geral, de três a quatro páginas cada uma. A ilustração principal da capa refere-se sempre a uma dessas matérias. Na edição 272, de outubro de 2015, por exemplo, o tema da ilustração e chamada principal de capa foi a Amazônia, e a matéria ocupou as páginas 2 a 6.



Figura 1 – Capa da CHC (Edição 272, out/15)

O verso da capa é reservado para uma peça publicitária da própria CHC ou, eventualmente, de algum evento científico. Não existem outros espaços de propaganda na revista. Na sequência de páginas, o conteúdo editorial é sempre apresentado de forma similar. Na página 1, encontramos o Editorial, em uma coluna, e o Sumário, em duas colunas. O logotipo da revista, presente na capa, também encabeça a coluna do Editorial. Já nesse espaço de abertura, as cores e ilustrações são abundantes. Após as matérias principais, a partir da página 10, encontramos as seções fixas (*Por que...?*, *Baú de histórias*, *Você Sabia...?*, *Experimento*, *Atividade/Passatempo*, *Na CHC Online*, *Quadrinhos*, *Quando crescer vou ser...*, *Bate-papo*, *Como funciona* e *Cartas*). A cada duas edições é publicada a seção *Galeria*, que destaca um animal em extinção. A contracapa é o espaço destinado para a seção *Poesia e Companhia*.

As seções *Por que...?* e *Você sabia...?* abordam temas curiosos, frequentemente associados às questões tratadas em alguma das matérias principais. Assim, a edição 271, de setembro de 2015, deu destaque especial ao tema *Luz* em sua capa e nas duas matérias principais. Além disso, a seção *Por que as fibras ópticas revolucionaram a comunicação?* (p. 12) e o segmento *Você sabia que há mil anos foi escrito um livro sobre a visão e a luz?* (p. 17) expandiram o tema principal. Cada uma dessas seções ocupa uma página da CHC, com texto e ilustração. Com estrutura semelhante às seções anteriores, a coluna *Como funciona o laser?* (p. 28) complementou a temática.

Uma página é destinada ao *Experimento*, que propõe, todos os meses, uma experiência científica simples, passível de ser reproduzida pelas crianças, dispensando a supervisão dos adultos. A experiência propõe o uso de materiais simples como papéis, plásticos e garrafas pet e é apresentada de forma muito didática, com lista de materiais, indicação de como fazer e um tópico final que esclarece, do ponto de vista científico, o resultado obtido.

A página de *Atividade* ou *Passatempo* sugere jogos, desafios e atividades artísticas. Aqui também a tônica é o aproveitamento de materiais descartáveis ou de uso habitual da criança, como cola, tesoura e lápis de cor. *Baú de histórias* é um espaço reservado para histórias, contos ou lendas de autores nacionais ou do repertório folclórico brasileiro.

Uma página é ocupada com pequenas chamadas, geralmente ilustradas, que remetem ao conteúdo da página na internet (*na CHC online*). A página de *Quadrinhos* ilustra as aventuras dos dinossauros Rex e Diná e do zangão Zíper, mascotes da revista. A seção *Quando crescer, vou ser...*, em duas páginas, explora profissões relacionadas à

ciência, algumas possivelmente desconhecidas das crianças (optometrista, geodesta, arqueólogo naval...). O texto descreve a profissão, suas características e seus locais de trabalho e apresenta profissionais da área. Esse é um dos poucos espaços em que o texto é apresentado com as características de entrevista jornalística, com a inserção de falas diretas dos entrevistados. Os demais textos, em geral, assemelham-se mais a narrativas, assinadas por técnicos vinculados a institutos, departamentos e instituições de pesquisa de áreas afins aos temas.

A coluna *Bate-Papo* ocupa duas páginas e com pequenas resenhas e ilustrações, garimpa sugestões de livros e sites infantis. E *Cartas* reproduz correspondências e desenhos recebidos de leitores. Muitas das cartas publicadas são de grupos de estudantes que relatam utilizar o material em sala de aula.

A Contracapa é reservada para a apresentação de poesias, parlendas, trava-línguas e outras manifestações de folclore nacional na seção *Poesia e Companhia*. Eventualmente, algum poema publicado pode ser de um autor estrangeiro (“O Abecê, CHC 269, jul/15, contracapa). Os assuntos giram em torno de animais, escola ou brincadeiras, elementos do universo infantil.

A revista tem também uma versão digital (CHC On-Line).<sup>6</sup> Embora algumas páginas da revista impressa possam ser visualizadas no site e muitos assuntos sejam explorados simultaneamente nas duas plataformas, a versão online apresenta conteúdo diverso da versão impressa. No site, os mascotes ganham protagonismo e os jogos e brincadeiras ocupam maior espaço. A criança pode também integrar o *Clube do Rex*, comentar as matérias publicadas e receber as novidades por e-mail. A versão impressa da revista encarrega-se de conduzir o leitor à versão digital, através da divulgação do conteúdo da página digital na seção *na CHC Online*. Frequentes chamadas de pé de página também convidam a acessar o site na internet e saber mais sobre o assunto da reportagem.

Neste estudo, trabalhamos apenas com edições da revista impressa. Entendemos que, apesar da similaridade de conteúdos entre as duas versões, por suas características particulares de linguagem, produção e leitura, o conteúdo da revista digital merece um estudo posterior, a partir de outro arcabouço teórico.

#### **4 Como a CHC fala de ciência para seu público**

---

<sup>6</sup> A Revista CHC Online pode ser acessada no endereço [www.chc.org.br](http://www.chc.org.br) (Consulta em 11/04/16).

A revista é um produto jornalístico e, como tal, ancora sua mensagem em estratégias jornalísticas. Se a seleção dessas estratégias permite propor a elaboração de sentidos para quem lê, a escolha dos temas pautados sugere a busca pela aproximação com o universo infantil, seja pela familiaridade com situações corriqueiras da vida da criança (“Caiu, bateu, cortou... Quem ajuda a sarar?!”, CHC 272, out/15, capa) ou por situações inusitadas ou desconhecidas (“O que perturba as renas do Papai Noel?”, CHC 274, dez/15, capa; “Relictos, seres do passado que ainda estão vivos”, CHC 273, nov/15, capa). São priorizados assuntos práticos como saúde, alimentação e higiene, facilmente conhecidos e reconhecidos pelas crianças. Muitos desses assuntos integram os currículos escolares na disciplina de Ciências (“Você sabia que existem maneiras diferentes de combater os micróbios?”, CHC269, jul/15, p. 17).

Os títulos para as seções fixas chamam a atenção pela preferência por perguntas (*Por que...?*, *Você sabia?*, *Como funciona?*), ensaiando a transposição da curiosidade infantil para as páginas. As seções de *Experimento* e *Atividade*, por apresentarem sugestões simples, de fácil execução com materiais ordinários, propõem a experimentação como uma extensão do conteúdo. *Baú de Histórias* é um nome que evoca os baús de tesouros das tramas infantis. As histórias são, em geral, relacionadas aos principais temas da edição, como observamos no mês de julho de 2015, quando, acompanhando a matéria principal sobre o peixe-boi, para o *Baú...* foi selecionada uma lenda indígena brasileira adaptada (“A moça nova e o peixe-boi”, CHC 269, jul/15, p. 14).

Assuntos presentes na mídia, como o aniversário de lançamento do telescópio Hubble, também servem de mote para matérias (“Parabéns, Hubble!, CHC 271, set/2015, p. 6). Temas ambientais têm presença garantida em reportagens informativas tais como “Os 5 “erres” do lixo” (CHC 274, dez/15, p. 2) e também “E o barulho virou poluição!” (CHC 273, nov/15, capa).

Identificamos um caráter de brasilidade nos assuntos abordados: Amazônia, o peixe-boi, as favelas brasileiras... Além disso, a seção *Galeria* apresenta exclusivamente animais brasileiros, de todas as regiões, que se encontram em risco de extinção. O olhar sobre o Brasil também está presente na página de *Poesia e Companhia*, que resgata manifestações do folclore nacional.

A abundância de sinais de exclamação, interrogação e reticências é um recurso textual que procura aproximar os títulos da linguagem coloquial e, não raro, muito expressiva da criança (“Luz, cores e diversão!!!”, CHC 271, set/15, p. 26 e “Como funciona



a caixa-preta dos aviões?” CHC 274, dez/15, capa). Esse recurso é fartamente empregado em títulos e textos. Esses últimos também se valem de tópicos curtos, para facilitar a leitura em etapas.

A linguagem utilizada nos textos partilha o vocabulário infantil e, além de acessível, procura ser lúdica: “Vive na água, mas não é peixe. Come plantas mas não é boi... Matou a charada, né?” (CHC 269, jul/15, p. 7). O texto apresenta estruturas que simulam diálogos, interpelações: “Não faz bem engolir a comida aos pedaços porque atrapalha a digestão. Concorda?”, CHC 270, ago/15, p. 12). Os termos científicos, quando inseridos, são explicados a seguir: “A luminância é a intensidade da luz que é refletida...” (CHC 271, set/15, p.14).

O recurso da analogia com situações e objetos do universo infantil cria identificações que familiarizam o leitor com o novo. Assim, as matérias utilizam, por exemplo, a ideia de uma floresta para exemplificar o ambiente das algas (“Florestas submarinas”, CHC 270, ago/15, p. 6) ou de uma lanterna para apresentar a bioluminescência (“Lanterna natural”, CHC 271, set/15, p. 3). As comparações também ajudam a dimensionar vários aspectos da informação: “Algumas orquídeas são tão pequenas que a planta inteira... pode ser embrulhada em um papel de bala. E outras destas plantas são tão grandes que não cabem dentro de... uma van.” (CHC 269, jul/15, p. 3).

Um cuidado especial é dedicado à apresentação gráfica das matérias. O periódico é fartamente ilustrado com fotografias e, principalmente, ilustrações. As crianças, nessas imagens, estão presentes nos mais diversos ambientes: escola, rua, em casa, no jardim, em uma floresta ou em barco na Amazônia. São de idades distintas e, embora em menor quantidade, também, algumas são de etnias negra, índia ou oriental. Mesmo nas matérias de teor histórico, é recorrente o uso de imagens de crianças, reforçando a ideia de que, em toda parte, em todas as ações e em todos os tempos, as crianças estão presentes. Imagens de animais povoam as páginas, e gráficos são frequentemente empregados para elucidar temas mais complexos como a estrutura do olho humano (CHC 271, set/15, p. 15) ou o ciclo dos microplásticos na natureza (CHC 274, dez/15, p. 19). Todas as fotografias e ilustrações são devidamente creditadas.

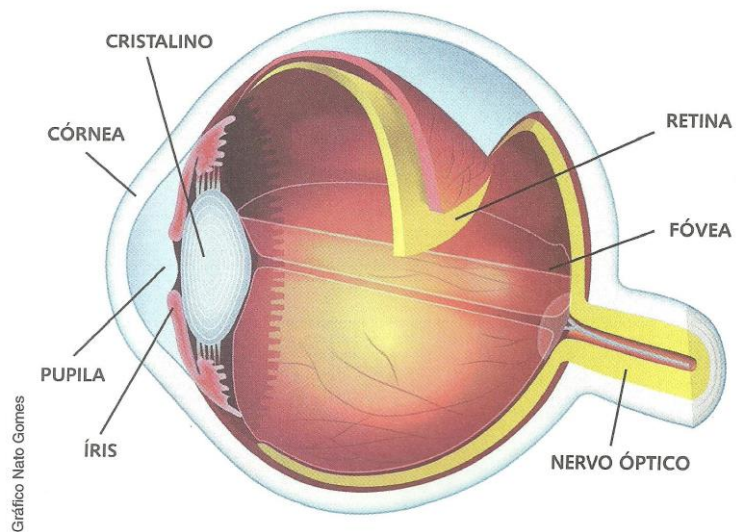


Figura 2 – Gráfico (Edição 271, set/15, p.15)

Os mascotes da revista não apenas ilustram a página de história em quadrinhos, mas também são personagens em algumas reportagens, apresentadas na forma de histórias, estabelecendo afinidade com as histórias de animais, muito comuns na primeira infância.



Figura 3 - Mascotes (CHC 270, ago/15, p.21)

## 5 Considerações finais

A ciência está presente em nossa vida diária desde a infância, e é importante que a criança possa identificar a aplicação dos conhecimentos científicos em atividades tão triviais como a confecção de um bolo ou o funcionamento do motor de um carro. Observando os exemplares da CHC escolhidos para compor o corpus deste trabalho, foi possível identificar o empenho da publicação em comunicar ciência de forma acessível, amigável e lúdica, mostrando à criança que ela faz parte de seu dia a dia. E poderá fazer parte do futuro também, através da escolha de uma profissão com a qual ela vai familiarizar-se na seção *Quando crescer... vou ser*.

Fiel a seu propósito de despertar a curiosidade e fomentar a paixão pela descoberta, a CHC lança mão de muitas perguntas e interpelações que convidam o leitor a arriscar uma resposta ou mergulhar no texto para descobri-la. As reportagens propõem questionamentos que nem sempre são respondidos de imediato, é preciso seguir a leitura ou avançar algumas páginas até outra matéria para obter mais informações. Ou ainda migrar para a internet, exercitando novas formas de interligar os saberes. Os experimentos e atividades práticas, que podem ser executados no ambiente familiar ou escolar, sugerem que a ciência é um conhecimento fácil, quase um brinquedo, passível de ser apropriado por qualquer um.

A seleção de assuntos inusitados ajuda a fisgar o leitor; a linguagem coloquial e o uso de analogias recuperam a experiência, o já conhecido do público da revista. Se o leitor mirim ainda não domina o assunto proposto, terá a oportunidade de explorá-lo através da relação com elementos de seu universo infantil.

Expressões e frases exclamativas, nos títulos e no corpo dos textos, exprimem grande empolgação de quem escreveu. Essa empolgação tem potencial para despertar o interesse não apenas pelos avanços científicos, mas pelas descobertas passíveis através dos métodos que a ciência emprega e difunde. Trata-se de métodos que priorizam a razão, a pesquisa e a observação e são capazes de oferecer ferramentas para que o indivíduo realize uma leitura crítica do mundo, conquiste a autonomia e a capacidade de buscar soluções.

A curiosidade também é fomentada pelas ilustrações, mais presentes que as fotografias. Elas têm grande potencial de criar identificação com o leitor, pois as crianças, em geral, apreciam desenhar e o fazem com regularidade na escola. As ilustrações também

inspiram os leitores nos desenhos que eles enviam à redação e são publicados na seção de *Cartas*.

Conforme observado, a valorização do que é brasileiro está presente na seleção de pautas sobre preservação de flora, fauna, cultura e patrimônio nacionais. Isso atende à proposta da revista de chegar ao seu público nas mais diferentes regiões do país.

Observa-se, pela posição expressa pelo Instituto Ciência Hoje no site, o estímulo para o aproveitamento da CHC em sala de aula, como fonte de pesquisa para estudantes e professores. No entanto, a estrutura da revista não está voltada ao ensino tradicional, não indica técnicas didáticas, nem inclui orientações aos docentes. Ela parece mais adequada à leitura em um contexto individual.

Essas constatações suscitam investigações mais aprofundadas de como a revista é recebida por crianças em leitura individual ou em atividades na sala de aula. Essas investigações poderiam esclarecer melhor se a revista está atingindo de forma adequada seu público e se, conforme sua proposta, consegue converter-se em auxiliar eficaz do professor no ensino de conteúdos da disciplina de Ciências nas escolas.

## REFERÊNCIAS

BACCIN, Alciane Nolibos. Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos da recepção do IV SIPECOM - Seminário Internacional de Pesquisa em Comunicação, 2011.

BENETTI, Marcia. O jornalismo como gênero discursivo. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 15, p. 13-28, jun. 2008.

DORETTO, Juliana. **Pequeno leitor de papel**. São Paulo: Alameda, 2013.

FURTADO, Thais. O leitor (totalmente) imaginário do jornalismo infantil. **Trabalho apresentado no VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo na USP**, São Paulo, SP, em novembro de 2009.

GIERING, Maria Eduarda. Apresentação. In: DARMIN, Cristina Pimentel; GIERING, Maria Eduarda (Org.). **Leitura e produção de textos de comunicação da ciência**. São Leopoldo: Unisinos, 2013.

GIRARDI, Ilza Tourinho; MASSIERER, Carine; SCHWAAB, Reges Toni. Pensando o Jornalismo Ambiental na ótica da Sustentabilidade. **UNIrevista**. São Leopoldo, v. 1, n. 3, jul. 2006, p. 1- 12.

INSTITUTO CIÊNCIA HOJE. Referência obtida na internet. <<http://pchae.cienciahoje.org.br/o-que-e-alfabetizacao-cientifica/>>. (Consultado em 8 de abril de 2016).

INSTITUTO CIÊNCIA HOJE. **Revista Ciência Hoje das Crianças**. Referência obtida na internet. <<http://www.chc.org.br>>. (Consultado em 8 de abril de 2016).

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo: o que os profissionais devem saber e o público deve exigir**. Porto: Editora Porto, 2001.

PARK, Robert E. A notícia como forma de conhecimento: um capítulo dentro da sociologia do conhecimento. In: BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz (org). **A era glacial do jornalismo: teorias sociais da imprensa**. v. 2. Porto Alegre: Sulina, 2008.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

RESENDE, Fernando. O jornalismo e suas narrativas: as brechas do Discurso e as possibilidades do encontro. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p. 31-43, dez. 2009.

TARGINO, M.G. Comunicação científica: uma revisão de seus elementos básicos. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 10, n. 2, p. 1-27, 2000.  
<<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/326/248>> (19 de abril de 2016)

VIZEU, Alfredo. O newsmaking e o trabalho de campo. In: **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 223-236.